

Entre escombros e lama, bombeiros buscam 116 desaparecidos

MAIS UMA TRAGÉDIA EM PETRÓPOLIS



Desolação. Moradores do bairro Castellânea, em Petrópolis, reclamam da ausência dos bombeiros e procuram amigos e parentes nos escombros: no IML, demora na liberação dos corpos causa revolta

O SOFRIMENTO DE QUEM SOBREVIVEU

BUSCA POR 116 DESAPARECIDOS NA ENXURRADA AVANÇA DEVAGAR

Desde a devastadora tempestade da última terça-feira, Petrópolis vive a rotina da busca por mortos desaparecidos. A dupla tarefa, dura por si só, é prejudicada pelo rastro de destruição que o temporal deixou, mas também por dificuldades no trabalho de localização, resgate e reconhecimento das vítimas. O número de mortos chegou a 117 na noite de ontem. Mais cedo, a Delegacia de Descobertas de Paralelos (DDPA) anunciava 116 registros de desaparecidos. Uma força-tarefa da Polícia Civil, integrada por cerca de 200 agentes, incumbiu-se de coletar informações e percor-

rer pontos de apoio e abrigo na cidade, para cadastrar e cruzamento de dados. Nessa busca, os agentes localizaram no Colégio estadual Rui Barbosa três pessoas que constavam como sumidas — e confirmaram o óbito de outras 15 que estavam na lista de desaparecidos. A dança dos números pode continuar.

POR CONTA PRÓPRIA
Apesar de o Corpo de Bombeiros anunciar que tem 500 agentes em campo, em muitos pontos de deslizamento, moradores estão cavando em busca de corpos de sobreviventes. No alto do Morro da Oficina, onde mais de 50 casas foram arrastadas pela en-

xurrada, um grupo trabalhava ontem há mais de 48 horas para encontrar vizinhos soterrados.
— A gente está precisando muito de ajuda dos bombeiros militares, não sei qual é o critério deles, eles estão atuando bem no começo do morro, mas aqui em cima não apareceu nenhum — disse um dos voluntários, ao RJ2, da Rede Globo.
Silva Moreira Filho, trabalhador autônomo, de 42 anos, mora longe da Vila Felipe, na região de Alto da Serra, localidade próxima ao Morro da Oficina. Mas chegou lá bem cedo, por volta das 6h, em busca de informações sobre o sogro, José Rubens Silveira,

de 48 anos. Silva conta que, perto das 18h30 da última terça-feira, moradores da Vila Felipe ouviram o primeiro “estrondo”. Era uma avalanche. Muitos correram para se salvar, mas seu sogro teria procurado ajudar um vizinho. O homem socorrido sobreviveu. Em instantes, porém, veio o “segundo estrondo”, e Rubens nunca mais foi visto.
— Minha sogra conseguiu sair por uma das portas da casa. Ele tentou sair pelo outro lado e não foi mais visto. Ela está abrigada em um colégio aqui perto — diz Silva.
Os bombeiros acreditam que pelo menos 12 pessoas foram soterradas na Vila Felipe. Na última quarta-feira, en-

contraram quatro, três delas já mortas. Em coletiva concedida ontem à tarde, o governador Cláudio Castro observou que “ainda é muito cedo” para falar em número de desaparecidos em Petrópolis.
Junto com Silva, mais gente acompanhava com atenção o trabalho dos bombeiros. Valdenir Dias Lopes, de 67 anos, que perdeu a casa na avalanche, estava à procura da sobrinha, Bernadete Sorgini Cortesi, de 27, e da mãe dela, Olga Cortesi, de 61.
— E pensar que isso aconteceu outras vezes, e ninguém fez nada. Esse bairro está condenado — disse.
Ainda na Vila Felipe, Renan Soares, de 36 anos, teve a casa

levada pelas chuvas. Com os olhos rasos de lágrimas, conseguiu apenas listar os nomes de seus quatro familiares desaparecidos: Renata Soares, de 34 anos, irmã; Fernanda Soares, de 40, irmã; Monique Soares, de 18, sobrinha; Gabriel Soares, de 20, sobrinho.
No bairro Castellânea, outro ponto de Petrópolis atingido pelas chuvas, os moradores não puderam acompanhar os trabalhos dos bombeiros porque dizem que sequer foram visitados por integrantes da corporação. Nas ruas Paulista e Primeiro de Maio, onde há marcas de grandes deslizamentos, trataram de cavar, usando ripas de madeira e o que mais encontrassem, em busca de sobreviventes.

FILA NO IML
A expectativa de quem busca parentes e amigos nos escombros vira triste certeza para outro grupo, o dos que chegaram cedo ao Instituto Médico-Legal (IML) do município, no bairro Corrêas. Em cena improvisada, de tempos em tempos uma funcionária da Polícia Civil lê os nomes de corpos liberados para sepultamento. Até amanhã de ontem, o IML havia recebido 101: 13 deles eram de menores de idade.
O empresário João Carlos Castro de Oliveira, de 55 anos, pai de dois filhos, morador do Centro de Petrópolis, foi mais uma vítima da tragédia neste início de 2022. Seus parentes não escondiam a indignação com a demora na liberação do corpo.
— É uma angústia, dor. Queremos nos despedir e não conseguimos. Não sabemos quanto tempo teremos para fazer o enterro. São várias perguntas. O corpo foi identificado ontem (quarta). Ele foi morto em casa, acharam cedo. Estamos sofrendo. Só queremos respeito com a gente. Tem que ter um preparo maior para essa tragédia — desabafou a irmã, a química Josiane Castro de Oliveira.
Na mesma fila, o camelo Marcelo de Medeiros, de 48 anos, buscava liberar o corpo da irmã, a dona de casa Marise Pereira de Medeiros, mas esbarrava na falta de documentos:
— Caiu uma barreira, e eu acabei perdendo quatro parentes nessa tragédia. Pediram documentação, mas a enxurrada levou tudo.

Cemitério abre 300 covas para vítimas da chuva

Famílias acompanham os primeiros 27 enterros, entre eles o de mãe e dois filhos que foram soterrados dentro de casa

A tragédia que soterrou mais de cem vidas na última terça-feira ganha nova dimensão no Cemitério Municipal do primeiro distrito, que está abrindo 300 covas para as vítimas do temporal. Ontem, 27 famílias acompanharam os primeiros enterros. Um dos momentos tristes foi o do sepultamento de Debora Listenberg Moreira, de 22 anos, e dos filhos, Heloísa, de 2, e Gustavo, de 5. Eles morreram em casa, no bairro Moimho Preto. Os três estavam no quarto atingido por um deslizamento.
— A Debora era muito trabalhadora, e as crianças sempre estavam conosco brin-

cando. Não acreditamos no que aconteceu na nossa cidade. Ela morava na parte alta, infelizmente. Tem muita área de risco na cidade, e as pessoas não têm condições e precisam morar nesses lugares perigosos. Durante a chuva, pelo WhatsApp, ela pediu que Deus a ajudasse. Tudo aconteceu um minuto depois. Dói demais. Perder nossas crianças é muito triste — lamentou Gerson da Silva Souza, cunhado de Debora.
Zilmar Batista Ramos, de 54 anos, que estava num ônibus que foi arrastado por um rio, também foi enterrada ontem.
— Umavizinha nossa esta-

va com a Zilmar e disse que não deu tempo de ela sair. Ela era como uma força da natureza, impetuosa, e defendia a todos. A poode da família, a Sol, está sentindo muito a falta dela — disse Vitória Alves, filha de Zilmar.
MULHERES SÃO MAIORIA
Já no fim da tarde, quando a chuva voltou a cair na cidade, aconteceu o sepultamento de Ivan Marques. Ele trabalhava no Morro da Oficina, quando, por volta das 18h de terça-feira, um deslizamento atingiu seu local de trabalho. Com uma salva de palmas, parentes e



Despedida. A abertura de covas no cemitério do primeiro distrito, no Centro

amigos se despediram.
Mais de 20 coveiros foram convocados para abrir as covas. Os enterros devem ser individuais à medida que os corpos forem liberados pelas funerárias. As gavetas estão sendo destinadas às crianças. Como fica no Centro, uma das áreas mais atingidas, o cemitério também sofreu com a tempestade. Uma encosta deslizou, atingindo algumas sepulturas.
— Nunca trabalhei como hoje (ontem). Nunca foram tantas covas. Estou bem cansado. E ainda temos medo de que novas mortes aconteçam, com outras áreas desabando, aumentando a tragédia — contou um dos coveiros, pedindo para não ser identificado.
O bebê morto em Petrópolis, na coluna de Ruth de Aquino, no Segundo Caderno

Ufeira voltou a assombrar ontem os moradores de Petrópolis. À tarde, uma chuva forte caiu sobre a cidade. Em pouco tempo, vias voltaram a ficar alagadas. As ruas Washington Luiz e Coronel Veiga foram interditadas. A queda de um árvore no acesso ao Parque São Vicente, no bairro Quitandinha, atingiu cabos de energia, o que agravou o engarrafamento. No início da noite, a Defesa Civil acionou 14 sirenes para alertar os moradores do primeiro distrito da cidade. O órgão também emitiu alerta de mobilização para evacuação de moradores de áreas de risco na região do Quitandinha.

Outros três alertas foram enviados à tarde para informar a população sobre a possibilidade de pancadas de chuva, de intensidade moderada a forte, com raios e rajadas de vento forte. O tempo deve permanecer assim, pelo menos, até sábado. No fim da tarde de ontem, o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden) elevou de alto para muito alto o alerta para risco de deslizamentos em Petrópolis. A previsão se deve ao temporal que caiu sobre a cidade e encharcou o solo, somado ao risco de mais pancadas de chuva nos próximos dias. Em 124 alertas vigentes no Brasil, Petrópolis é o único em vermelho.

FAMÍLIA EM FUGA

À tarde, antes de a chuva cair, moradores da Rua Nova, na comunidade Vinte e Quatro de Maio, e Vila Manoel Correa, na Rua Teresa, tiveram que deixar suas casas por orientação da Defesa Civil. Dezenas de família desceram a ladeira com bolsas e a animais. Muitos parentes tiveram que ir até as comunidades buscar idosos, que têm dificuldade de locomoção. A medida preventiva foi adotada após a

MORADORES SÃO RETIRADOS DE 2 ÁREAS, E 14 SIRENES SOAM



Medo. Moradores do bairro Floresta deixam suas casas às pressas: risco de novos deslizamentos com a volta das chuvas, que não devem parar até amanhã



Risco. Pessoas saem da Vinte e Quatro de Maio, localidade perto da Rua Teresa

ocorrência de rolamento de blocos rochosos. Uma casa chegou a ser atingida, mas ninguém ficou ferido. O medo é que uma grande pedra role do alto da encosta e atinja dezenas de casas.

Quem não tinha local seguro para se abrigar foi orientado a ficar no ponto de apoio na Escola das Comunidades Santo Antônio, visto que a estrutura para acolhimento da população que funcionava no bairro teve que ser desmobilizada por conta do risco naquele momento. Também foi feito o bloqueio do acesso às localidades pela Rua Teresa. As interdições permanecerão até que novas avaliações se-

jam feitas.

No início da noite, em uma hora, houve o registro de 60,54 milímetros de chuva. Agentes de trânsito, da Defesa Civil e da Polícia Rodoviária Federal foram para as ruas orientar a população. Também foram fechados trechos da Estrada da Saudade e das ruas Silva Jardim, do Túnel, Marquês de Paranã, Santos Dumont e do Imperador.

As universitárias Mariana Ferraz Guerino Zuccarelli, de 24 anos, e Mariana de Oliveira Amaro Pereira, de 23, aguardaram apreensivas na Faculdade de Medicina de Petrópolis, ao lado do Instituto Médico-Legal

na última terça-feira, ficou presa no trânsito. — Eu acho que não vai chover como da outra vez. Mas o problema é essa instabilidade e tudo piorar — disse a jovem. — Eu estava voltando da rodoviária para o Centro e a água estava subindo. De uma hora para outra, tudo encheu e eu tive que ficar no shopping. Só consegui sair no dia seguinte para a minha casa.

Mariana Pereira também mora no Centro, na Rua Doutor Nelson de Sá Earp, que ficou completamente alagada. A jovem conta que um morro desabou na frente de sua casa.

— Agente escutou gritaria porque o barranco estava desabando. Fui muito assustador, horrível — contou.

Abrigado em um posto na Rua Bingen, o motociclista Paulo de Moraes aguardou a chuva diminuir para voltar para casa.

— Moro no bairro Centenário e, quando a chuva apertou, parei aqui. Espero que não seja igual à de terça-feira e que passe rápido — disse o motociclista.

ALERTA EM TERESÓPOLIS

Na comunidade do Quitandinha, a Defesa Civil orientou que os moradores buscassem abrigo nas escolas Marcelo Alencar, na Avenida Amaral Peixoto; Chiquinha Rolla, na Rua Campos I; e Paroquiário Bom Jesus, na Rua Doutor Thouzet, 820. Nesse trecho, o acesso da Rodovia BR-040 para a cidade teve que ser interditado. Ruas da região ficaram inundadas.

Em Teresópolis, município vizinho, 26 sirenes foram acionadas preventivamente em função do alerta de chuvas moderadas a ocasionalmente fortes, deixando a população assustada. A prefeitura informou que, caso exista a necessidade de evacuação de residências para pontos de apoio, as sirenes serão acionadas novamente.

O drama de quem estava nos ônibus arrastados para rio

Imagens divulgadas nas redes sociais flagraram pessoas tentando sair pelas janelas dos veículos que foram levados no temporal

Pelo menos seis ônibus dos mais de 70 que ficaram presos em ruas de Petrópolis foram totalmente destruídos. Dois desses veículos foram filmados por moradores enquanto, tombados, eram arrastados pelo temporal da tarde da última terça-feira. As imagens, publicadas em redes sociais, mostram o desespero dos passageiros, que tentavam sair pelas janelas.

— Eu só queria salvar todo mundo. Só isso — desabafou Carlos Antônio de Faria, 45 anos, motorista de um dos ônibus, que se desdobrou para conseguir resgatar vários passageiros.

A caixa de supermercado Daniela da Silva Viana, de 30 anos, voltava do trabalho em uma das linhas e, desde então, não foi mais localizada por familiares, que foram até o Instituto Médico-Legal (IML) da cidade em busca de informações. — Estou com medo. Sério. Deus me proteja”, escreveu a moça, ao fazer um vídeo de dentro do ônibus e enviá-lo aos parentes.

— Ela mora no Valparaíso e trabalhava no Armazém do Grão do Bingen. Quando começou a encher, ela ligou e falou com a minha mãe que estava no ônibus e daí em diante perdemos o contato — disse Matheus de Almeida Santos, primo de Daniela. De acordo com moradores da região, por volta de 18h, um bolsão de água bloqueava a Rua Washington Luís, um dos principais eixos da cidade, às margens do Rio Quitandinha, que tem em média cinco metros de profundidade. Houve um deslizamento. A água da chuva descia de todas as encostas e percorria avenidas até o Centro com velocidade constante e volume crescente.

UM TSUNAMI

Quando os dois ônibus das linhas 401 (Independência) e 465 (Amazonas) chegaram na altura da Unidade de Pronto Atendimento (UPA), o leito do rio já estava transbordando e impediu o caminho. Os veículos pararam, esperando a água baixar, mas

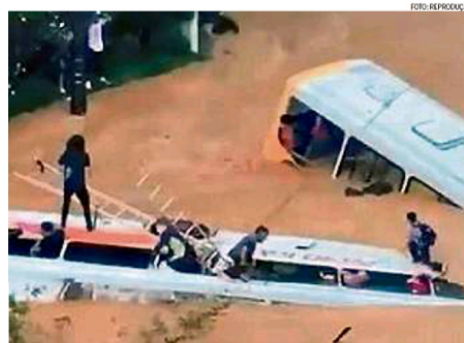


FOTO REPRODUÇÃO

um tsunami os arrastou. — Subiu uma onda de quatro a seis metros, não sei exatamente o tamanho. Essa onda foi até a rua e puxou os ônibus para dentro dos rios — explicou Jamil Sabrá, secretário municipal de Transportes de Petrópolis. Nos vídeos feitos por vizinhos, contam-se pelo menos 13 pessoas lutando pela vida — uma delas, uma criança com a mochila da es-

cola nas costas. Alguém joga uma escada. O motorista de um dos ônibus amarra uma corda no poste; algumas pessoas conseguem sair, outros passageiros ficam. A corda arrebenta. Um dos ônibus afunda. Uma pessoa consegue nadar até o outro ônibus, que logo depois também foi engolido pela água.

Na tarde de ontem, esteve no IML o tio de um estudan-

te, Gabriel, de 17 anos, identificado nas imagens dos ônibus que foram arrastados. Ele continua desaparecido.

Rafael Xavier de Castro, de 41 anos, que trabalhava no Supermercado Assai, voltava para casa no Quitandinha, quando o ônibus em que estava foi um dos arrastados pela correnteza na Rua Coronel Veiga. Ontem, depois de peregrinar por hospitais, seu irmão conseguiu

encontrar seu corpo no caminhão frigorífico.

— Meu irmão era a melhor pessoa do mundo. Guerreiro e lutou pela vida desde pequeno. Não merecia o que passou — emocionou-se o vendedor Felipe Xavier.

Ele contou que Rafael lutou pela vida desde cedo: aos 11 anos, foi atropelado ao tentar pegar uma bola de futebol perto de casa e ficou dois meses em coma. Ao receber alta do hospital, ficou dois anos acamado e precisou reaprender a andar, falar e comer sozinho. Ainda na adolescência, sofreu um acidente de carro em Itaipava e teve que passar por uma outra cirurgia. O procedimento foi malsucedido e ele amputou a perna esquerda.

O aposentado Heitor Carlos dos Santos, de 60 anos, foi outro passageiro de um dos ônibus que submergiu. Segundo parentes, não se sabe se estava indo para o Centro ou voltando para casa no Quitandinha. Ele chegou a ligar para a mãe, uma idosa de 82 anos, e disse que estava no transporte.

— Até agora, não sabemos se ele está vivo ou morto — desabafou a professora Jaqueline Santos, sobrinha do aposentado.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Rio **Página:** 22 e 23